

## **Objetivação e subjetivação em uma crônica literária: uma leitura com instrumentos da análise narrativa de Luiz Gonzaga Motta <sup>1</sup>**

Marcelo Balbino<sup>2</sup>

Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, SP

### **RESUMO**

Este artigo tem a finalidade de promover uma aproximação entre a crônica *Calça Literária*, escrita por Carlos Drummond de Andrade e os conceitos de objetivação e subjetivação apontados pelo autor brasileiro Luiz Gonzaga Motta. Podemos dizer que a crônica, publicada inicialmente no ano de 1975, ostenta a objetivação e representatividade jornalística e, no mesmo texto, a subjetivação da imaginação presente na literatura? A pesquisa foi realizada por meio da análise da crônica, em comparação com estudos de narratologia, efeitos de sentido, representatividade e narrativa jornalística. O artigo propõe a utilização da crônica como um instrumento prático de análise e visa destacar e exemplificar reconhecidas estratégias narrativas na interpretação e pesquisa textual. Na ampliação dos resultados, a investigação valoriza o trabalho de um grande nome da literatura e outro da pesquisa e narrativa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação; Narrativas; Crônica Literária; Jornalismo

### **CORPO DO TEXTO:**

#### **Introdução**

Este artigo tem o objetivo de promover uma aproximação entre um texto literário e os conceitos de objetivação e subjetivação presentes nos estudos narrativos do professor, jornalista e pesquisador Luiz Gonzaga Motta. Para o estudo foi escolhida a crônica *Calça Literária*, escrita por Carlos Drummond de Andrade, publicada na Coleção Para Gostar de Ler (Braga et al., 1979, p.62-64).

Podemos dizer que a crônica analisada ostenta a objetivação e representatividade jornalística e, ao mesmo tempo, a subjetivação da imaginação presente na literatura? O resultado do trabalho demonstra a ponte entre o real (objetivo) e o imaginário (subjetivo), ou a notícia (representação e realidade) e a sua extrapolação (imaginação e sentidos). Nessa jornada o artigo foi constituído das seguintes partes: enredo da crônica; análise da crônica, a partir de comparativos entre o texto literário e a teoria narrativa de Luiz Gonzaga Motta; e conclusão.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no **GP Semiótica da comunicação**, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutorando no Programa de Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo. Bolsista Capes. email: [marcelobalbino22@gmail.com](mailto:marcelobalbino22@gmail.com)

---

## Enredo da crônica

A história retrata a conversa entre duas pessoas que inicialmente falam sobre dizeres e mensagens escritas, encontradas nas roupas das pessoas que transitam pela cidade. No estilo mais direto o autor inicia: “É assíduo leitor de blusas, camisas, saias, calças estampadas. Não lhe escapa um exemplar novo. Parece desligado, e observa tudo.” (Andrade, 1979, p.62).

Na sequência, o texto informa que as roupas estão indo muito além de ostentar apenas marcas, símbolos, manchetes, notícias ou nomes de universidades americanas.

A gente estranha é uma camisa inteiramente nua de dizeres ou figuras, a roupa não diz nada, só roupa. Hoje lê-se mais nos tecidos do que nos livros, é não é ler apenas, é ver cinema e televisão, pois os corpos, ao se moverem dinamizam as figuras estampadas. (Andrade, 1979, p.62).

Em seguida, o personagem afirma que pretende aproveitar o material escrito das roupas para fins especificamente didáticos. Seu desejo é ensinar disciplinas como história, geografia, matemática, medicina. “O indivíduo cobre-se e vai distribuindo ciência. Ou aprendendo. Vinte minutos no ônibus – que aula! Classes ao ar livre, na feira, na fila. Escola dinâmica”. (Andrade, 1979, p.62).

Na continuação da crônica um dos personagens (não se sabe qual) relata que viu uma calça comprida, de mulher, mas que dessa vez os escritos eram diferentes e o texto lhe chamara a atenção. “Pois essa tinha poemas em português, de Camões ao Vinícius” (Andrade, 1979, p.63). Seu interlocutor pergunta se ele havia anotado tudo, copiado o conteúdo da calça, mas só fora possível aquilo que estava visível no momento. “De Bilac, de Cecília, de Bandeira, de Castro Alves, de Fernando Pessoa”. (Andrade, 1979, p.64).

No final do texto, após mencionar muitos dizeres dos mais variados escritores e poetas da língua portuguesa, um dos personagens menciona um verso do próprio Carlos Drummond de Andrade: “Tinha uma pedra no meio do caminho.” E outro responde: “ – Isso já é prosa, amizade” (Andrade, 1979, p.64). E a crônica termina com uma revelação intrigante, da descoberta da primeira calça poética luso-brasileira e um breve aviso: “Os poetas que tratem de defender seus direitos autorais. A menos que considerem uma honra vestir de versos as mulheres” (Andrade, 1979, p.64).

---

Além disso, destaca-se o enquadramento da coleção Para Gostar de Ler, da editora Ática. Inicialmente, após a escolha dos quatro cronistas, foi realizada uma edição experimental de três mil exemplares para que alunos “julgassem” os textos. Como explica Jiro Takahashi, editor do material, em entrevista: “Com as apreciações dos alunos, confirmadas pela nossa equipe e pelos professores que nos acompanhavam, chegamos às crônicas que saíram publicadas, totalmente testadas” (Penz, 2014, n.p.). Ou seja, foram escolhidos textos por e para os jovens estudantes, com o objetivo do incentivo à leitura.

### **Análise da crônica a partir de referência teórico**

O emprego do método de análise, que utiliza o instrumental das pragmáticas da narrativa jornalística, da obra de Luiz Gonzaga Motta, é justificado pela simbiose entre o gênero literário da crônica e o texto jornalístico. A informação é reforçada pelos próprios autores da coleção na qual o texto *Calça literária* está presente. “Crônica é um escrito de jornal que procura contar ou comentar histórias da vida de hoje.” (Braga, et al., 1977, p.4). Outro ponto de convergência que pode ser mencionado é o fato de que todos eles (*Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Rubem Braga*) atuavam como jornalistas e escritores.

A aproximação entre a crônica e os conceitos teóricos se apoia na análise da construção de significados empregados no texto, por meio da análise da narrativa jornalística. Nesse sentido, foi considerada a reconfiguração de acontecimentos, conflitos, episódios funcionais, personagens, estratégias de objetivação e construção do efeito de real, além da subjetivação e seus efeitos poéticos. (Motta, 2005).

Assim como no texto jornalístico, Drummond utiliza uma linguagem enxuta e objetiva, sem perder o foco em seu objeto: a calça literária. E como o objeto torna-se o centro do texto, algo que fala por si só, podemos deduzir que não nos importa a identificação do narrador. Nesse sentido, destacamos a estratégia de objetivação a construção do efeito de real, na qual é preciso “fazer com que os leitores/ouvintes interpretem os fatos narrados como verdades, como se os fatos estivessem falando por si mesmos” (Motta, 2005, p.9). O acontecimento em questão na crônica é a calça literária, com suas mensagens escritas no tecido e isso se sobressai, colocando em segundo plano a identificação e presença de quem comenta ou interage nos diálogos.

---

O conceito de objetivação, também relacionado ao tempo, surge a partir de uma tendência real apontada pela vivência do personagem, expressa indiretamente pela voz do autor, quando comenta sobre moda e as roupas alheias. Primeiro quando descreve que as indumentárias com letras, símbolos e outros dizeres comuns já não são mais originais. “Segundo ele, as peças de indumentária, masculina e feminina, ostentando símbolos e nomes de universidades americanas, manchetes, páginas de jornal, retratos de Pelé e Jimi Hendrix, apelos de amor que não à guerra, etc., deixaram de ser originais” (Andrade, 1979, p.62). Ou seja, um apontamento vindo do indeterminado (quem é ele?) sobre o tempo atual, que está acontecendo no momento da narrativa. E em seguida complementa: “Hoje, lê-se mais nos tecidos do que nos livros, e não é ler apenas, é ver cinema e televisão, pois os corpos, ao se moverem, dinamizam as figuras estampadas”. (Andrade, 1979, p.64). A citação objetiva do hoje é o eixo que conduz a história e que nos revela a tendência da escrita nos tecidos.

O passado e o futuro tendem a perder força, a amenizar-se: tudo gira em torno do hoje, do aqui, do agora, do ao vivo e do on-line. Daí a profusão de advérbios e de expressões adverbiais de tempo e de lugar que vinculam a sucessão de eventos a uma visão do hoje, do agora, do presente, do instante. Ainda que não seja “a realidade”, o texto jornalístico tem veracidade, recorre a recursos de linguagem para parecer factual, objetivo e verdadeiro. Produz o “efeito de real”. Esse é o efeito pretendido e, na maioria dos casos e confirmado pelo leitor. (Motta, 2005, p.9-10)

Para Barthes (2004), a estrutura geral das análises narrativas acabavam sempre aparecendo como algo preditivo, “esquemático ao extremo, e sem levar em conta numerosos desvios, atrasos, reviravoltas e decepções que a narrativa impõe institucionalmente a esse esquema” (Barthes, 2004, p. 183). Para Barthes (2004), o efeito de real envolve a construção de imagens e representações, sem que se importe com questões ligadas à veracidade ou verossimilhança. “O ‘real’ concreto torna-se a justificativa suficiente do dizer” (Barthes, 2004, p.188).

Na construção daquilo que é objetivo e verdadeiro (ainda que não seja) o autor apresenta uma sucessão de eventos e temporalidades atuais que induz o leitor a concluir que a roupa tenha um outro propósito, além de vestir. “A gente estranha é uma camisa inteiramente nua de dizeres ou figuras, a roupa que não diz nada, só roupa”. (Andrade, 1979, p.64).

---

Para Motta, “o jornalismo observa o mundo desde o atual, ancora seu relato no presente para relatar o passado e antecipar o futuro” (2005, p.9). Na crônica encontramos o relato do presente, de uma tendência já estabelecida desde início, com a descrição do leitor assíduo de blusas, camisas, saias ou calças estampadas. Sobre o relato do passado, o autor menciona que ficaram para trás a moda dos símbolos, marcas ou nomes de universidades americanas. E para o futuro, o texto extrapola a ideia desse tipo de comunicação, ampliando as mensagens para uma utilização didática.

Além dessas considerações, existe também a interpretação do leitor, presente nos efeitos poéticos e de subjetividade. Ao retomar o campo da subjetividade, descrito por Motta (2005) a partir da reconfiguração da história e seus episódios, conflitos de enredo ou os papéis de personagens, verifica-se as características que trabalham para o surgimento dos efeitos poéticos. Nesse trajeto, partindo de sua memória cultural, “é o leitor que liga pontos, conecta partes, ressubjetiva as histórias”. (Motta, 2005, p.11). Quando cita a primeira calça literária poética luso-brasileira, o autor aproveita para abrir muitos caminhos, presentes nas inúmeras frases, como querendo transformar a crônica num balanço poético de versos e referências a outros tempos, amigos, situações. Em outro trecho, de forma mais ácida, faz críticas como “hoje lê-se mais nos tecidos do que nos livros” (Andrade, 1979, p.62) ou “os poetas que tratem de defender seus direitos autorais. A menos que considerem uma honra vestir de versos as mulheres.”(Andrade, 1979, p.64). Expressões que, dependendo da memória cultural do leitor, podem levar a diferentes conclusões.

Para Moscovici (2007), no caminho da objetivação, os conceitos abstratos são concretizados e materializados em imagens reconhecíveis. Na crônica, Drummond busca tornar familiar a escrita e leitura de poemas em roupas e tecidos. Tal efeito, nos faz pensar que “teorias incomuns, que ninguém levava a sério, passam a ser normais, críveis e explicadoras da realidade” (Moscovici, 2007, p. 71).

Ainda no espaço do texto que dialoga com a interpretação do leitor, encontra-se na calça literária da história, o que o próprio autor, brincando, considera um verso perdido, uma exceção: “Tinha uma pedra no meio do caminho. – Isso aí já é prosa, amizade” (Andrade, 1979, p.64). Para entender o trecho o próprio Drummond comenta,

---

em outro livro, sobre a recepção ao seu poema, publicado em 1928, quando muitos críticos o consideraram prosa:

O meu poema “No meio do caminho”, composto de dez versos, repete de propósito sete vezes as palavras “tinha” e “pedra”, e seis vezes as palavras “meio” e “caminho”. Isso foi julgado escandaloso; hoje o poema está traduzido em 17 línguas, e me diverti publicando um livro de 194 páginas contendo as descomposturas mas indignadas contra ele, e também os elogios mais entusiásticos (Andrade, 1989, p.1).

Jornalismo e literatura estão em um contexto muito próximo. Tendo em vista que os cronistas da coleção consideravam o jornalismo como a garantia de salário e a literatura como aquilo que gostavam de fazer, é natural considerar que o jornalismo pautasse as crônicas. “O que eu gosto mesmo é de já ter escrito” (Braga et al., 1979, p.9), dizia Fernando Sabino. A análise narrativa comprova que os instrumentos de objetivação estão muito mais presentes na linguagem jornalística enquanto características de subjetivação encontram um campo mais livre para o uso em textos literários. Drummond certa vez mencionou que para escrever se baseia “nas coisas que escrevo, nas que me contam, nas que os jornais publicam e nas que imagino” (Braga et al., 1979, p.4). Se o autor se baseia nas coisas que escreve (jornais), a crônica *Calça Literária* pode ser considerada um bom exemplo daquilo que é uma notícia objetiva, com o rigor jornalístico (leitura e literatura), mas em um contexto subjetivo, de extrapolação e imaginação (a leitura e literatura nos tecidos de uma calça).

## Conclusões

Longe de esgotar o assunto e apontar reflexões mais profundas, percebe-se que Drummond apresenta um modelo híbrido de escrita conjugando instrumentos de objetividade e a subjetividade. Dono de muitos recursos e facetas, o jornalista, escritor e poeta, parte da objetividade do jornalismo para uma subjetivação com lampejos poéticos e citações, aliadas ao humor, crítica e autocrítica.

Do jornalismo consideramos a objetividade do texto, na qual se constata que os fatos falam por si mesmos. Além disso, o autor, quem sabe pautado por algo que viu ou por algo dos jornais, mantém o objeto (calça literária) sempre em foco. O tempo também é uma questão que provoca objetividade, canalizando e encerrando tudo no momento atual, quando o personagem traz o passado para o presente, a partir da calça que viu e que

---

se tornou o exemplo a ser comentado e até a ser seguido com finalidades didáticas. Mesmo sendo fictício, a linguagem utilizada parece factual e verdadeira, com o efeito de real e ampliação desse conceito de notícia, em citações e exemplos do objeto que havia sido observado.

O âmbito subjetivo desenrola-se por meio da reconfiguração da história, presente na nova forma de linguagem em mensagens escritas no vestuário. Nesse enredo, entre conflitos, papéis, humor, críticas e ironia, Drummond confia o imaginário. Também como parte subjetiva do texto existe a reconfiguração do leitor, que é operada internamente, a partir da sua memória e herança cultural. Para compor esse mundo, o autor se utiliza de recursos linguísticos e extralinguísticos, como anotar somente o que era visível da calça literária, descrevendo “ganchos” dos estados de transformação da história.

No texto, vemos também não o ser, mas o fazer dos personagens, empurrando a verdade deles, lá fora, no objeto (as roupas) para nossa captação e imaginário. Muito à vontade, Drummond ainda utiliza o texto para homenagear amigos, com a citação de versos e brincar com a própria polêmica em torno de seu poema. Na verdade, é uma característica do autor, falar de si, às vezes usando seu próprio nome, fazendo uma autocrítica. Como acontece em alguns de seus poemas, como no *Poema das Sete Faces*: “Vai Carlos! Ser *gauche* na vida.” (Andrade, 1989, p.13) ou em *Não se mate*: “Carlos, sossegue, o amor é isso que você está vendo: hoje beija, amanhã não beija, depois de amanhã é domingo e segunda-feira ninguém sabe o que será.” (Andrade, 1989, p. 147).

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia poética**. Rio de Janeiro, 1989

ANDRADE, Carlos Drummond de. ***De Notícias & Não-notícias Faz-se a Crônica***. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Calça Literária. In: BRAGA, Rubem; CAMPOS, Paulo M.; ANDRADE, Carlos Drummond de; SABINO, Fernando. **Para Gostar de Ler** – Volume 3. São Paulo: Ática, 1979. p.62-64

BARTHES, Roland. **O efeito de real**. In: O Rumor da Língua. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 181-190.

BRAGA, Rubem; CAMPOS, Paulo M.; ANDRADE, Carlos Drummond de; SABINO, Fernando; **Para Gostar de Ler** – Volume 1. São Paulo: Ática, 1977.

BRAGA, Rubem; CAMPOS, Paulo M.; ANDRADE, Carlos Drummond de; SABINO, Fernando; **Para Gostar de Ler** – Volume 3. São Paulo: Ática, 1979.

BRAGA, Rubem; CAMPOS, Paulo M.; ANDRADE, Carlos Drummond de; SABINO, Fernando; **Para Gostar de Ler** – Volume 4. São Paulo: Ática, 1979.

MOSCOVICI, Serge. O fenômeno das representações sociais. In: **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 29-110.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise pragmática da narrativa jornalística**. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005, Rio de Janeiro. In: Anais [...] São Paulo: Intercom, 2005. Disponível em:  
<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/105768052842738740828590501726523142462.pdf>

PENZ, Rubem. A história da coleção “Para Gostar de Ler”. **Revista da Crônica**. São Paulo, 29 de maio de 2014. Disponível em:  
<https://rubem.wordpress.com/2014/05/29/a-historia-da-colecao-para-gostar-de-ler/>. Acesso em 20 de junho de 2024.

REUTER, Yves. **A análise da narrativa**, S. Paulo, Difel, 2000.